

EDUCAÇÃO FÍSICA E BULLYING: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR

*Physical Education and Bullying: Approaches and
School Daily Distances*

RESUMO: Objetivamos identificar e analisar a influência da Educação Física na realidade do Bullying escolar. Realidades de agressão, física ou verbal, de caráter humilhante e preconceituoso devem ser combatidas, esta pesquisa opta por um estudo de caso, em uma escola de caráter filantrópico, de Aparecida de Goiânia, aplicando para 82 alunos do 9º ano do ensino fundamental, um questionário objetivo com 19 questões sobre esta temática. Identificamos que nesta escola o Bullying é uma realidade e medidas de combate devem ser adotadas. A relação com a Educação Física existe, mas pela visão dos alunos não é tão marcante. Entendemos que não podemos nos acomodar, pois o Bullying a cada ano produz um maior número de vítimas em nossa sociedade.

Palavras chave: Bullying; escola; Educação física; exposição.

ABSTRACT: We aim to identify and analyze the influence of physical education in the reality of school bullying. Realities of, physical or verbal aggression, character demeaning and prejudiced should be addressed, this study opts for a case study in a school of a philanthropic of Aparecida de Goiania, applying to 82 students in 9th grade of elementary school, an objective questionnaire with 19 questions on this topic. We found that this school bullying is a reality and control measures should be adopted, since the relationship with the physical education exists, but the sight of students is not so remarkable. We understand that we cannot accommodate, because the bullying each year produces a greater number of victims in our society.

Keywords: Bullying, school, physical education; exposure.

Lucianna de Oliveira Silva Souza¹
Tadeu João Ribeiro Baptista²

¹ Pós-Graduada em Educação física escolar pela ESEFFEGO e Professora do Colégio Fundação Bradesco de Aparecida de Goiânia – Goiás. Email: lucianna.os@gmail.com

² Professor de Educação Física pela ESEFFEGO, Mestre e Doutor em Educação pela UFG, e atualmente professor nos cursos de Educação Física da FEFD e do Programa de pós-graduação em Educação (PPGE) da UFG. Email: tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Recebido em: 29/02/2016

Revisado em: 22/05/2016

Aceito em: 07/07/2016

INTRODUÇÃO

A escola possui um papel primordial na formação humana e por este motivo estudos que possam evidenciar falhas neste processo ajudam de várias maneiras a lidarmos com novas situações cotidianas. Nem todos os professores estão preparados, por diversos motivos, para solucionar questões de violência, preconceito, desrespeito e exclusão, durante suas atividades escolares.

Atualmente, trabalhando com a Educação Física para o Ensino Infantil e Fundamental é possível acompanhar várias situações durante as aulas que podem de alguma maneira estimular casos de bullying nos alunos, já que dependendo do caso, nos mais diversos jogos e brincadeiras os alunos são expostos perante a turma e podem se tornar alvos fáceis para a ocorrência de situações de Bullying. Nestas condições despertou-se a motivação para pesquisar a relação entre aulas de Educação Física proporcionando um aumento casos de Bullying na escola.

Neste estudo o termo Bullying foi escolhido por englobar em uma palavra diversas maneiras de agressão. Para Calhau¹ "Bullying é um assédio moral, são atos de desprezar, denegrir, violentar, agredir, destruir a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação e de forma repetida". Botelho e Souza² complementam ainda que; "Este tipo de

violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas".

Vivenciamos todos os dias nos noticiários, vários casos de desrespeito e violência contra alunos e professores. Se não começarmos a pesquisar questões de violência em suas diversas maneiras e contextos diferentes, possivelmente não conseguiremos mais agir perante estas situações que se agravam nas escolas.

Pretendemos perante a ótica dos alunos, através da aplicação de um questionário de múltipla escolha identificar se; a Educação Física enquanto componente ativo do currículo educacional contribui para o aumento ou para a diminuição de casos de Bullying escolar durante suas aulas.

Dividimos a exposição deste estudo da seguinte maneira; faremos inicialmente uma contextualização histórica sobre o termo bullying e posteriormente sobre suas características, desde o que o constitui, até suas divisões e seus participantes, em sequência sobre o bullying e a Educação Física escolar e suas consequências para suas vítimas. Concluiremos com a apresentação da pesquisa, seus resultados após a análise.

FENOMENO BULLYING: HISTÓRICO E DEFINIÇÕES

A Expressão Bullying é de origem inglesa e apresenta variações em determinados países, tais como: na Dinamarca que utiliza a expressão Mobbing, na França, Harcèlement quotidien, na Itália usa-se Prepotenza, no Japão, Yjime e na Espanha Acoso. Todas são variações de um termo para uma mesma situação.²

A terminologia pode até ser nova, porém a situação é antiga, "[...] em 1982 na Noruega, pesquisadores já estudavam fenômenos que pudessem fazê-los compreender a causa do suicídio de três crianças. Entretanto este assunto somente repercutiu com as pesquisas do psicólogo Dan Olweus, que partindo de suas observações começou a interpretar as diferenças entre brincadeiras e gozações saudáveis inerentes à juventude, em contrapartida com casos de violência física e moral.³

Olweus estabeleceu critérios para identificar o Bullying, sendo eles; que representam ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; hierarquia de idades e força deixando a vítima sem possibilidades de defesa e também a ausência de motivos aparentes para a agressão.³

Devemos evitar a precipitação ao avaliarmos situações que possam caracterizar Bullying, pois muitos professores e pesquisadores criticam estas situações por acreditarem na existência de um suposto "modismo". Realmente

exageros existem, principalmente quando existe relação com a sua divulgação dos supostos casos pela mídia, entretanto, baseando-se na necessidade de diagnosticarmos e combatermos mais efetiva e corretamente estas situações, estudos mais aprofundados devem ser realizados.¹

Para Chalita⁴ o Bullying é a negação da amizade, do cuidado e do respeito. O agressor impõe à sua vítima as piores humilhações, desde apelidos perversos a situações covardes de agressões físicas. Não são poucos os casos de crianças e jovens que desistem de viver ou então decidem se vingar de seus agressores e das instituições coniventes com suas tristes situações.

Fatos que marcaram a história e impulsionaram maiores estudos, foram justamente os que caracterizaram reações das vítimas contra seus agressores, como por exemplo; em 1999, no Instituto Columbine (Colorado, EUA), Erick Harris e Dylan Klebold, vítimas de bullying, entraram na escola e passaram a disparar contra professores e colegas. Após matar doze colegas e um professor eles se suicidaram. Em 2005, um aluno de 16 anos matou cinco colegas, um professor e um segurança numa escola de Minnessota (EUA). Em 2006, na Alemanha, um ex-aluno abriu fogo numa escola e deixou onze feridos (cometeu suicídio em seguida). Em 2007, um estudante, vítima

de bullying, na escola Virginia Tech (EUA) assassinou trinta e duas pessoas e feriu outras quinze. Em novembro de 2007, em Jokela (Finlândia), oito pessoas foram assassinadas por um aluno, que divulgou um vídeo no YouTube, o qual anunciava o massacre por vingança.¹

Sem nos esquecermos do recente caso em Realengo no Rio de Janeiro em 07 de abril de 2011, onde **Wellington Menezes, 23 anos, atirou contra os alunos e funcionários da escola Municipal Tasso da Silveira, matando 11 pessoas e ferindo 13 e suicidando logo após, supostamente para vingar os abusos e a exclusão que sofreu quando estudava na escola.**⁵

OS PARTICIPANTES DO BULLYING E O CONTEXTO ESCOLAR

Segundo, Fante⁶ os participantes do Bullying são divididos em quatro grupos: os agressores, as vítimas, os espectadores passivos e as vítimas-agressoras.

Os Agressores podem ser de ambos os sexos, podem ter a mesma idade ou então serem mais velhos que seus colegas. Sobretudo no caso de meninos, estes podem ser superiores fisicamente nos jogos e nas brincadeiras, possuem irritabilidade muito aflorada e baixa resistência às frustrações. Dificilmente se adaptam às normas escolares e demonstram pouco respeito pelos colegas e funcionários, que para ele

representam ameaças contra seus atos. As meninas normalmente aparecem nos casos como agressoras que podem se destacar pela manipulação, práticas de exclusão e ou difamação de suas vítimas.⁶

As vítimas não precisam fazer nada para serem eleitas, são os alvos das brincadeiras e das agressões, as ações não possuem motivos para sua origem. Em sua maioria são tímidos, retraídos, ansiosos, passivos, submissos, com dificuldades de defesa, de expressão e de relacionamento. As agressões podem se originar também por diferenças de raça, religião, opção sexual, desenvolvimento acadêmico, maneira de se vestir e sotaque.¹

A maior parte do Bullying é formada pelos expectadores passivos ou testemunhas silenciosas. Este grupo maior é formado por pessoas que ao mesmo tempo são de uma certa forma vítimas e testemunhas dos fatos. A grande maioria não concorda com as agressões, mas prefere ficar em silêncio, pois tem medo de que os agressores em caso de saída em defesa das vítimas, as "eleja" também para estes ataques. (Grifo nosso).¹

Por último existe ainda o grupo das vítimas-agressoras, são vítimas que após serem expostas às situações de bullying, desenvolvem um sentimento de vingança violento para com os seus colegas, ou até funcionários ou instituições que representem para eles de alguma forma, lembranças do que eles passaram

naquele lugar. As vítimas agressoras podem até não se vingar, mas passam a reproduzir os atos sofridos e reproduzir o comportamento de seus agressores, com novas vítimas.¹

O que determina o Bullying não é apenas a situação momentânea em que ele acontece; O contexto cultural da vida do indivíduo influencia nas opções que vêm à mente em uma situação de desafio.⁷

Sendo assim, explicar situações onde ocorre o bullying pode ser mais complexo do que parece, e ainda se tratando de crianças e jovens em plena formação humana dentro de um espaço escolar, ainda pode ser muito pior. Para Chalita,⁴ as crianças são como esponjas, vão absorvendo tudo ao seu redor. As maneiras como os pais se tratam, comentários sobre as diferentes culturas, raças, posicionamento ideológico contra determinada classe social, condição econômica, etnia, orientação sexual e outros são absorvidos pela criança sem orientação que acaba reproduzindo isso no ambiente escolar.

O BULLYING E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola está sobrecarregada, devido a vários fatores importantes, tais como: omissão educacional familiar, acúmulo de função para os professores, aumento da violência social, entre outros. No combate ao Bullying cada

participante deve assumir seu papel para tentar sanar esta problemática, a escola quase sempre atua sozinha no controle destas situações, entretanto isso somente não é suficiente para extinguir os casos de violência de uma vez por todas.¹

O profissional de educação deve ficar atento a alunos agressivos ou violentos, zombadores e maldosos, porque em alguns casos o que se poderia interpretar como brincadeiras próprias da idade podem ser fonte de grande constrangimento e sofrimento a colegas mais tímidos, calados ou mais fracos, normalmente mais novos, com prejuízo sócio educacional e emocional.⁶

Os alunos não estão tendo mais respeito pela instituição que a escola representa, colocam apelidos desrespeitosos nos colegas e funcionários, conversam excessivamente, fazem barulhos com o intuito de atrapalhar os trabalhos, espalham fofocas na escola e somem com os materiais com o intuito de atrapalhar as aulas.¹ Podemos citar também os alunos que durante as aulas viajam os colegas, discriminam os demais por diversos motivos e excluem os colegas de determinadas atividades.

Nas aulas de Educação Física, encontramos diversos momentos em que os alunos, de alguma maneira devem demonstrar suas habilidades, tanto motoras quanto intelectuais na frente de todos. As diferenças de habilidades podem inibir ou até desestimular os alunos

menos habilidosos se não forem tratadas de maneira correta pelo professor.⁸

A sensação de rejeição é facilmente explicada na Educação Física, que até algum tempo, era pautada por um modelo reducionista de educação do corpo, onde a aptidão física e o desempenho eram os objetivos mais importantes a serem avaliados. As meninas e os menos habilidosos eram desprivilegiados da prática esportiva, justamente porque esta primava pelos que possuísem maiores escores ligados a velocidade, força e resistência. O gênero atravessa esta questão nas aulas de educação física, as meninas se tornam um alvo fácil da crueldade languageira, devido à pequena ou nula participação das mesmas, até bem pouco tempo, nas aulas de educação física. Os meninos, por sua vez, são desqualificados se não mostrarem desempenho à altura da expectativa. A desqualificação e rejeição se dão pelos estereótipos esperados de cada sexo, construídos pela sociedade, segundo os quais as meninas têm que ser graciosas e frágeis, e não devem participar de jogos de impacto ou viris, e os meninos devem ser agressivos.⁸

As aulas de Educação Física, nos moldes atuais não podem mais se submeter a esse tipo de situação. A escola é um espaço para todos, o trabalho na perspectiva da aptidão traz para as aulas ambientes propícios ao desencadeamento de casos de bullying.

Sua especificidade deve ser trabalhada de maneira global e inclusiva.

CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

Podemos constatar facilmente que as os atos de bullying podem gerar consequências marcantes para todos os envolvidos. O bullying no ambiente escolar, causa dispersão e divisão dos envolvidos, segregação e preconceitos contra as vítimas.¹

Nas crianças e jovens que se encontram nestas situações são registrados momentos de stress e queda da imunidade, além de sintomas psicossomáticos diversos, quase sempre próximos do horário de ir para a aula, tais como: dores de cabeça, tonturas, náuseas, vômito, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, perda do apetite, dores generalizadas, sono, gastrite, alergias, problemas respiratórios e comprometimento de órgãos e sistemas. Nos casos mais graves, como já dissemos, a vítima pode cometer suicídio ou se tornar violenta.¹

Outro fator de extrema importância é o de que o Bullying produz futuros delinquentes, induzindo formas de violência explícita, em larga escala. Resulta em cidadãos estressados, deprimidos, com autoestima baixa, resistência a frustrações reduzida, incapacidade de autoafirmação. O bullying agrava drasticamente os níveis de

aprendizagem e de socialização, estendendo seus efeitos para o resto da vida.¹

A influência entre colegas da mesma idade é muito grande, eles podem afetar e manipular emocionalmente os amigos de diversas maneiras, inclusive para situações inesperadas de violência. Ao se iniciar um tumulto, os atos agressivos podem se propagar rapidamente, principalmente se houver a participação de grupos diversos de alunos, crianças e jovens que poderiam não estar diretamente ligados aquela situação, mas que tendem a se envolver para evitar futuros atritos com grupos rivais na sala de aula por exemplo. E esta característica de submissão poderá ser carregada para o resto da vida.¹

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso em uma instituição de ensino filantrópico situada em uma região periférica de Aparecida de Goiânia no estado de Goiás. Contou com a participação de 82 alunos de duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental no turno vespertino. Destes 39 sendo do sexo masculino e 43 do sexo feminino.

O instrumento utilizado foi um questionário adaptado do estudo de Santos³, que por sua vez utiliza como referência o "Questionário sobre bullying – Modelo TMR", de Ortega *et. al.* (1999),

construído a partir do questionário de Dan Olweus (1989), sofrendo pequenas adaptações voltadas para o objetivo desta pesquisa.

O questionário compreende 19 questões objetivas e de múltipla escolha, que abrangem os seguintes eixos principais: "Sobre ser maltratado na escola, sobre ser maltratado nas aulas de Educação Física, sobre os maus tratos vistos nas aulas de Educação Física e sobre maltratar nas aulas de Educação Física"³. Assim para obter no final da pesquisa uma visão sobre o bullying, pela ótica das possíveis vítimas, dos possíveis espectadores e dos possíveis agressores.

Como o trabalho foi realizado na escola, apresentamos um termo de consentimento à diretora da escola, a qual se responsabilizou pela autorização em relação às crianças participantes da pesquisa e da utilização dos resultados na construção deste trabalho. A coleta dos dados foi realizada no dia 10 de Agosto de 2011, às 12h30min, com o auxílio dos professores que estavam no momento ministrando aulas às duas turmas, com a supervisão desta pesquisadora.

ANÁLISE DOS DADOS

A faixa etária dos pesquisados demonstrou que 86% das meninas e 72% dos meninos possui idade de 13 a 14 anos. Sobre o questionamento de quantos bons amigos eles possuíam na turma da escola,

37% das meninas e 44% dos meninos afirma possuir mais de 5 bons amigos, 35% das meninas e 20% dos meninos afirma possuir entre 2 e 3 bons amigos, 7% das meninas e 10% dos meninos afirmam possuir 1 bom amigo, e 2% das meninas e 3% dos meninos afirmam não possuir nenhum bom amigo, em toda a turma.

Chalita⁴, defende que o ser humano é um animal social, não existe possibilidade de desenvolvimento sem o grupo, desde a fala, a maneira de andar e até as diferentes manifestações cognitivas, nascem da troca entre as pessoas, iniciando-se na família e posteriormente se estendendo ao convívio escolar social. Os alunos de uma maneira

geral demonstram possuir um grande número de amigos, identificamos a discrepância de que alguns afirmam não possuir nenhum, este tipo de resposta já nos deixa atentos para possíveis situações de isolamentos dentro de uma escola cheia de gente.

a. Eixo: Sobre ser maltratado na escola:

Procuramos identificar entre os alunos a existência de casos de bullying em sua vida escolar, o preocupante é que a maioria afirma que já sofreram algum tipo de mau trato na escola: 28 meninas e 23 meninos responderam que sim.

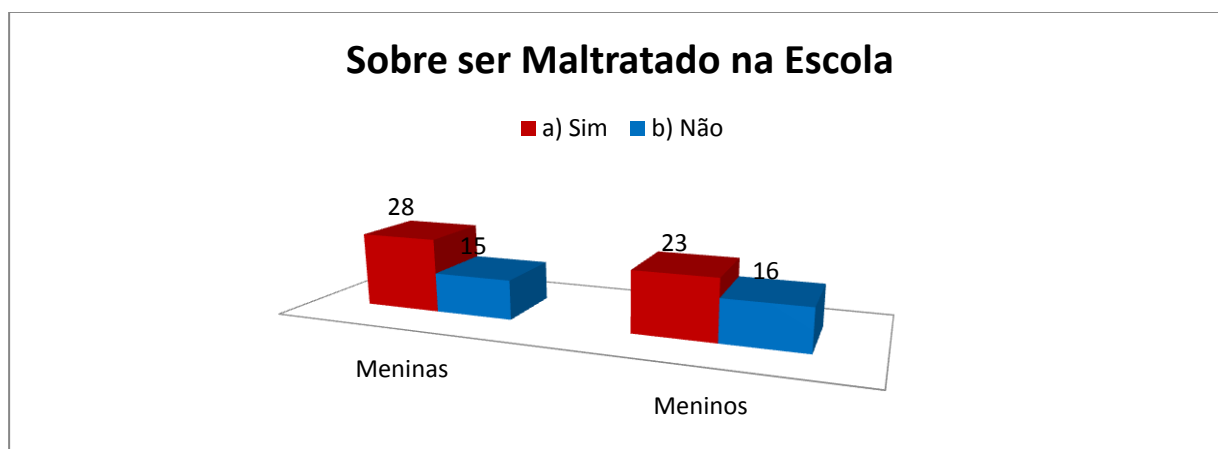


Figura 1. Você já foi maltratado por alguém na escola?

Lembrando que esta pergunta não limitou os tipos de maus tratos, somente se alguma situação já havia acontecido com estes alunos. Nem todas estas situações podem caracterizar a existência

de bullying, justamente por não afunilarmos nossa pesquisa para os alunos, devemos ter clareza de que estamos perguntando de casos de maus tratos, estes para serem constatados como

bullying, deve ser identificada uma série de critérios já estabelecidos, desde sua regularidade, do acontecimento entre pares, das relações de abuso de poder e etc., devemos nos respaldar destes critérios para sempre diferenciarmos casos de Bullying de infrações e de brincadeiras.¹

Os alunos que responderam afirmativo para a questão descrita acima foram questionados sobre a frequência em que estes maus tratos ocorriam na escola. A maioria afirma que foi maltratado de 1 a 2 vezes, sendo estes 24 meninas e 14 meninos. Além deste resultado o que nos chama a atenção é que 4 meninos e 1 menina ainda afirmam que estas situações ocorrem pelo menos 1 vez por semana e 2 meninos e 1 menina que ocorrem várias vezes na semana, durante várias semanas.

Sobre os locais em que mais ocorreram maus tratos e ressaltando que nesta questão podia ser marcada mais de uma resposta; 19 meninas e 20 meninos responderam que ocorreram mais na sala de aula, 7 meninas e 4 meninos marcaram nos corredores, 9 meninas e 2 meninos marcaram no recreio, 3 meninas e 2 meninos marcaram nos banheiros e

apenas 1 menina marcou nas aulas de Educação Física. A opção das aulas de Educação Física nesta questão não está entre os locais mais indicados e que no caso dos meninos nem foi marcado por nenhum aluno. Entretanto, quando o questionário fica mais específico este cenário muda, a isto podemos atribuir, talvez, a imaturidade dos entrevistados que não souberam ser coerentes com suas respostas, ou então, que somente após o aprofundamento das próximas perguntas que os alunos sentiram segurança para se expor perante a pesquisa.

O alto número de maus tratos relatados em sala de aula pode ocorrer em decorrência de duas situações diferentes; primeira, os alunos compreendem por sala de aula como todo o ambiente do convívio escolar, portanto este é colocado como principal local aonde o maior número de boas e más relações acontecem, segunda, os maus tratos podem estar ocorrendo no momento em que a sala se encontra sem nenhuma supervisão, fator este estendido para os corredores, recreios e banheiros, também marcados pelos alunos.²

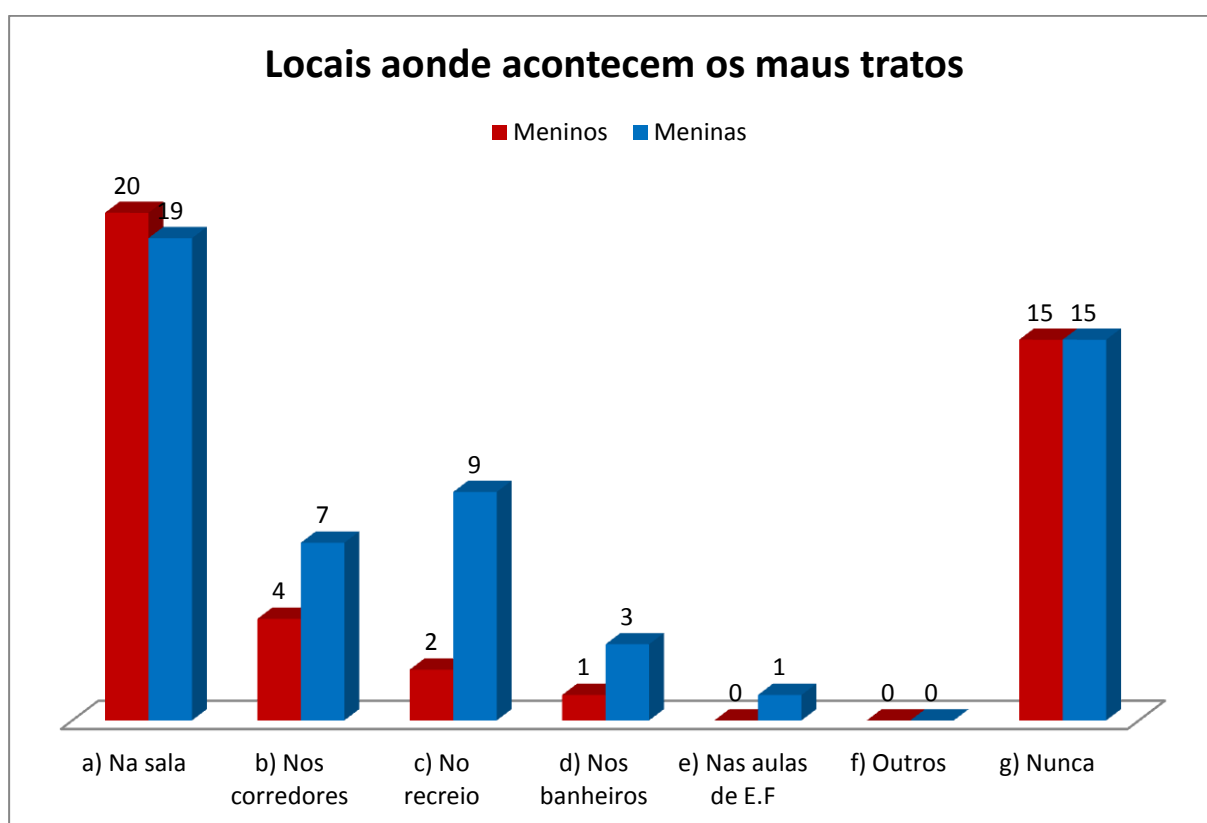


Figura 2. Em quais locais da escola você sofre ou sofreu maus tratos?

O próximo item desta pesquisa, diz respeito à forma como ocorreram os maus tratos sofridos. Entre as meninas o item mais freqüente foi: Contaram mentiras ou espalharam boatos e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim (9 respostas). Já com os meninos foram: Xingaram-me , insultaram-me por causa da minha cor ou raça,(7 respostas) e também Xingaram-me, insultaram-me e/ou riram de mim enquanto eu participava de atividades na escola (7 respostas).

Para Botelho e Souza², as relações de gênero podem ser identificadas ao analisarmos casos de Bullying: normalmente os meninos apresentam maiores relações com o bullying, tanto como autores quanto como alvos, tanto eles quanto as meninas tendem a formar grupos durante a infância e adolescência: "Os meninos têm meninos à sua volta e as meninas têm meninas, porque necessitam se conhecer e aprender as funções de cada sexo".

Os meninos tendem a se envolver com situações ligadas a força física e

rejeição ao diferente, já as meninas que também se envolvem em situações de bullying, geralmente são casos em que a prática da exclusão e da difamação está mais presente do que as agressões físicas.²

b. Eixo: Sobre as Aulas de Educação Física;

Sobre os resultados para os questionamentos deste eixo nossa pesquisa toma um novo rumo já que a maioria dos nossos alunos entrevistados sofre maus tratos na escola, entretanto não com tanta frequência nas aulas de Educação Física. Quando questionados mais especificamente sobre este assunto, sobre que tipo de maus tratos eles já sofreram nas aulas de Educação Física, a maioria tanto entre os meninos quanto entre as meninas afirma que nunca sofreu

maus tratos na aula (35 meninas e 29 meninos). Dos que já sofreram, o tipo mais comum citado foi: Riram da minha participação (4 meninos e 4 meninas), apesar de que as questões de exclusão por falta de habilidade, violência durante as aulas e manipulação de quem participa ou não das atividades, também terem sido marcadas por alguns alunos. Estes casos podem não caracterizar Bullying já que na realidade não analisamos situação por situação e nem as enquadramos dentro dos parâmetros de Olweus, entretanto este tipo de atitude representa sim maus tratos e pode desencadear uma série de situações mais sérias, quando não refletido com os alunos.

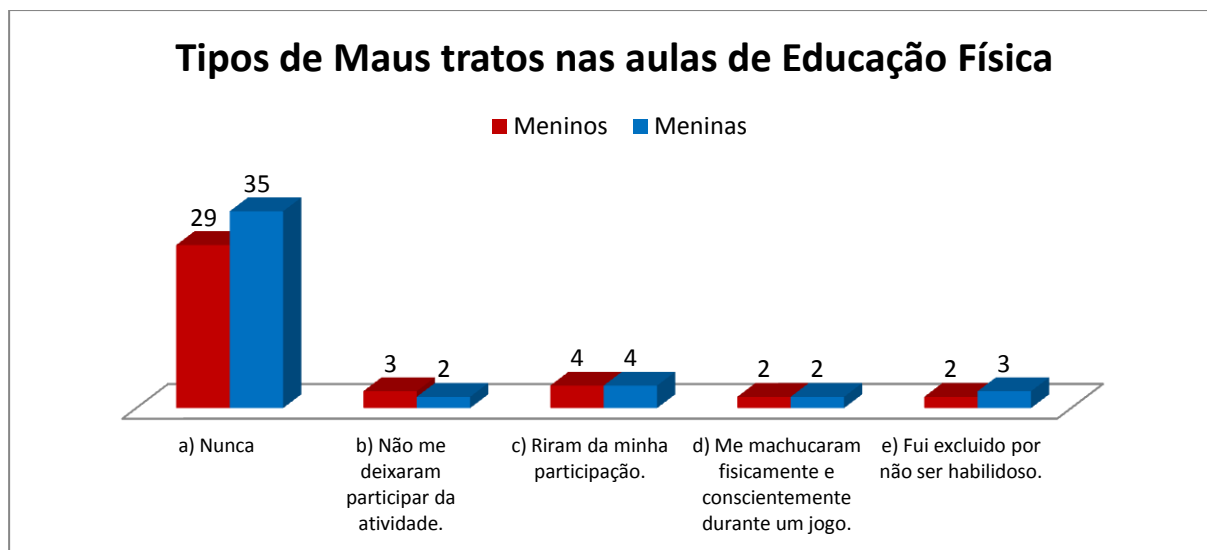


Figura 3. Que tipos de maus tratos você já sofreu nas aulas de Educação Física?

Sobre a maior exposição nas aulas de Educação Física do que em outras disciplinas, a maioria dos entrevistados não se sente mais exposto, apenas 4 das meninas e 6 dos meninos responderam afirmativo para este item. Ainda sobre este componente, os alunos foram questionados também sobre os conteúdos

em que eles possam se sentir mais expostos perante a turma durante a aula e por isso possam sofrer maiores maus tratos. Dos que marcaram se sentirem expostos, tanto entre os meninos quanto entre as meninas a maioria foi para os esportes coletivos.

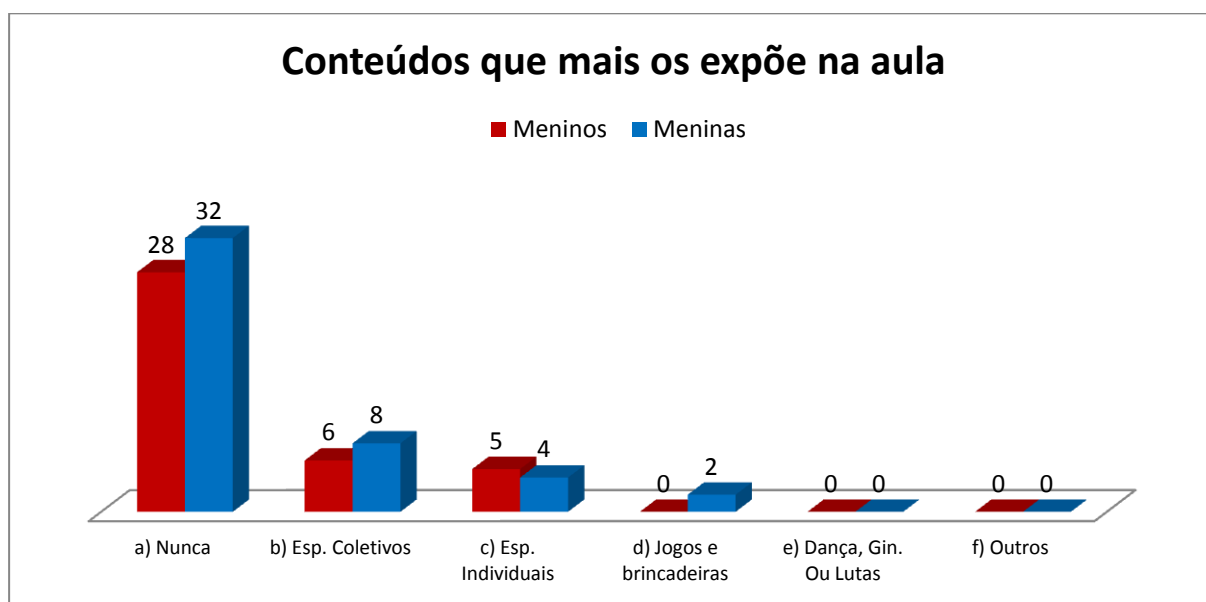


Figura 4. Quais os conteúdos das aulas de Educação Física em que você se sente mais exposto e, portanto sofre maior número de maus tratos?

Podemos deduzir dois fatores aqui, ou estes alunos dificilmente trabalham conteúdos que perpassem pela dança, pela ginástica e pelas lutas, já que nas aulas de Educação Física lhes é proporcionado apenas contato com esportes coletivos e individuais e pensando assim a exposição não tem realmente como acontecer, ou eles se sentem melhor com estes conteúdos e a exposição somente acontece quando o componente aborda os itens indicados.

Neste caso o instrumento não consegue abranger estas questões.

Sobre a relação do esporte coletivo como o maior causador de situações de exposição, sugerimos que esta questão da exposição deve ser tratada na própria aula e simultaneamente ao ensino do conteúdo, para que o aluno sinta segurança e se disponha a aprender e a participar, particularmente podemos repensar também caso isso não funcione, mesclar

este conteúdo com o dos jogos cooperativos, já que esta modalidade anseia o objetivo comum que deve ser alcançado por todos compartilhando os sucessos e as frustrações³.

No item sobre o número de colegas que causam os maus tratos, a maioria dos meninos e das meninas é maltratado por apenas 1 colega em particular. Novamente questionando sobre as relações de gênero, sobre os que já sofreram maus tratos, as meninas afirmaram que a maioria das situações é causada por outras meninas, e os meninos, em sua maioria, por outros meninos. Confirmando novamente a relação dos grupos e das segregações das relações sociais.

Outro questionamento de extrema importância para este item é o que compreende se os alunos contaram a alguém sobre os maus tratos que eles sofreram.

De todos os pesquisados 11 meninas marcaram, contou aos amigos, 10 contaram aos pais e apenas 2 falaram aos responsáveis na escola, sendo que também outras 2 não contaram a ninguém. Dos meninos a situação é ainda mais conflitante já que 10 não falaram com ninguém e 4 falaram somente com seus amigos. Evidenciamos claramente que os alunos entrevistados não veem a escola como um ambiente passível para socializar seus problemas, mesmo os casos ocorrendo dentro da mesma.

A próxima questão completa a resposta da anterior, trata sobre, se alguém tentou impedir que te o maltratassem, 7 meninas e 6 meninos, afirmaram que sim que tentaram e que os maus tratos diminuíram, 5 meninas e 5 meninos, afirmaram que não, por que ninguém sabia que eles estavam sendo maltratados e outras 4 meninas ainda afirmaram que sim e que os maus tratos terminaram definitivamente. Entretanto, 6 meninos e 4 meninas afirmaram que não, ninguém tentou nada.

“A responsabilidade da direção da escola em controlar o Bullying é patente”¹. Basicamente o Bullying escolar deve ser acompanhado e sanado pelas instituições que estão ligadas direta ou indiretamente com ele, desde a família, a escola e o poder jurídico, porém nem sempre isso acontece.

Cada instituição deve examinar sua própria contribuição involuntária para o acontecido e fazer algo que tenha mais chances de reduzir o problema exteriorizado e identificado pelos seus participantes. “É necessário que abandonem essa postura de culpar uma à outra e caminhem em direção a uma compreensão mais profunda do problema que há entre elas.”¹

- c. Eixo: Sobre os maus tratos que você viu nas aulas de Educação Física;

Procuramos identificar os possíveis expectadores e suas visões sobre os maus tratos presenciados que são sofridos por outros colegas. Sobre como você se sente ao ver um colega ser maltratado, 23 meninas afirmam se sentir mal, 11 sentem pena, 10 se sentem triste e o que é mais preocupante é que destas 2 disseram não sentir nada. Dos meninos 13 dizem nunca ter visto ninguém ser maltratado na aula, e outros 13 dizem se sentir mal, 11 dizem que sente pena da vítima, 3 que não sente nada e 4 ainda dizem que sentem pena do agressor.

Entretanto, quando questionados sobre a reação destes mesmos alunos ao verem um colega ser mau tratado; 9 meninas afirmaram que foram elas mesmas que começaram os maus tratos, 8 pediram para os agressores que parassem, 6 tentaram não tomar parte, 5 foram obrigadas a ajudar nos maus tratos, outros 5 pediram ajuda a algum funcionário da escola, 4 foram maltratadas também e 3 socorreram as vítimas. Dos meninos 14 disseram que nunca viram ninguém ser maltratado na aula, 10 pediram que os agressores parassem, 5 marcaram que não ajudaram e ainda gostaram de ver, 6 tentaram não tomar parte e outros 3 socorreram o colega agredido. Analisamos também que o número que colegas que presenciaram atos de maus tratos neste item é menor, ao contrário do anterior, demonstrando novamente a imaturidade

dos entrevistados ou que falar de sentimento é muito mais fácil do que falar de ações.

Temos aqui a visão dos expectadores, Chalita⁴ defende que quem assiste a dinâmica da violência e não se revolta, aprende a conviver com ela, chega a se acomodar e a conviver com ela como algo normal, entendemos isso até como uma fuga destas pessoas para não terem que se envolver e tentar estabelecer relações com esta realidade. Os resultados da pesquisa mostram isso quando trazem, 7 estudantes que não ajudaram e ainda gostaram de ver as agressões e 9 alunos que tentaram não tomar parte de nenhuma forma da situação. Em contrapartida 13 alunos de alguma maneira ainda se dispuseram a ajudar. "Há comprovação de que quando há intromissão de outras pessoas, que se manifestam e defesa das vítimas, os casos de intimidação se reduzem drasticamente." ⁴

d. Eixo: Sobre maltratar outros colegas nas aulas de Educação Física;

O último eixo pretendeu evidenciar possíveis agressores e suas reações com os casos de maus tratos. Questionamos os alunos se eles já maltrataram outros colegas nas aulas de Educação Física, os resultados foram; das meninas, 40 afirmam que nunca maltrataram ninguém, 2 que

gozaram, implicaram ou xingaram outros colegas durante a aula e 1 afirmou que não deixou que algum colega jogasse. Dos meninos 28 afirmaram que nunca maltrataram ninguém na aula, 8 que

gozaram, implicaram ou xingaram outros colegas durante a aula, 3 que ameaçaram os colegas e 1 que bateu, deu pontapé e empurrou outros colegas.

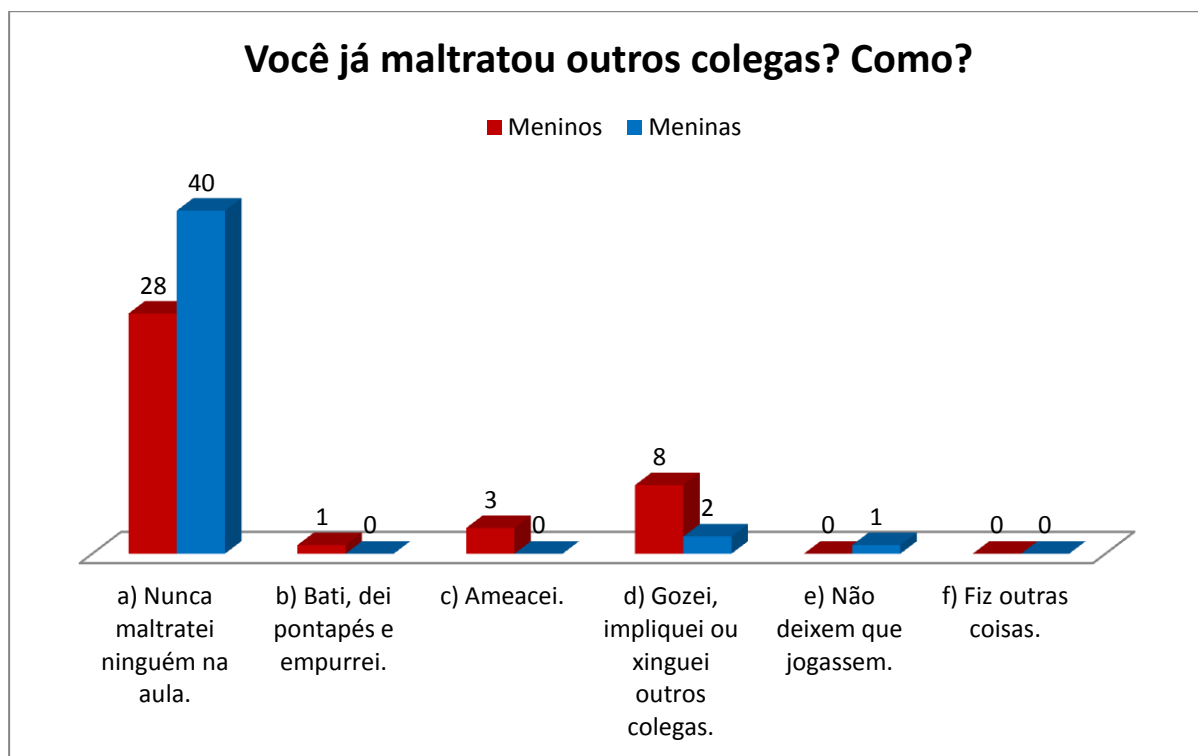


Figura 5. Você já maltratou outro colega de alguma das formas abaixo, nas aulas de Educação Física?

Os agressores, sem nenhum tipo de motivação aparente, sistematicamente praticam bullying e possuem consciência do que estão causando,⁴ esta justificativa explica como que esta pesquisa conseguiu identificar entre nossa amostra, autores que se reconhecem como tal e assumem o que já fizeram de mal para

outros colegas com plena consciência de seus atos, como não analisamos mais especificamente os casos e a constância da ocorrência dos casos pela ótica dos agressores, não podemos afirmar que estes relatos se referem a casos de Bullying, somente a maus tratos.

Para encerrar, questionamos se alguém falou com algum deles sobre os maus tratos que eles fizeram durante as aulas; Entre as meninas, 37 afirmaram que nunca maltrataram ninguém, 2 disseram que os amigos falaram com elas, 2 que os diretores e professores falaram e 2 que ninguém falou com elas embora elas tenham maltratado. Dos meninos, 30 afirmaram que nunca maltrataram ninguém, 4 marcaram que os diretores e professores falaram com eles, 3 marcaram que ninguém falou com eles embora eles tenham maltratado um colega e 2 que os amigos falaram com eles e 1 ainda afirmou que os pais falaram com ele. Este item conseguiu além de identificar agressores, também nos demonstrar que apesar das dificuldades, nesta questão a escola saiu à frente com as intervenções com os autores dos casos de maus tratos, seguidos pelos amigos e por último pela família.

CONCLUSÃO

Pelos resultados apresentados neste estudo, conclui-se que o Bullying é realidade preocupante para a turma pesquisada, entendemos que, não podemos generalizar já que nem todos os relatos caracterizam bullying, entretanto identificamos aqui um desafio a ser solucionado por esta comunidade escolar.

No eixo sobre ser maltratado na escola, a sala de aula foi apontada como o local onde mais ocorrem agressões e a incidência de alguns casos de maus tratos se prolonga, por mais de uma vez, ressaltamos também que como não analisamos caso por caso, não podemos defender que tudo o que foi relatado compreende casos de Bullying.

No eixo sobre as aulas de Educação Física, a maioria dos alunos deixa claro que nunca sofreu maus tratos na aula, porém a porcentagem de alunos que afirma que já sofreu é maior do que os que informaram no eixo anterior a Educação Física como um local aonde não ocorre estas situações. Criamos uma hipótese da relação entre a maior exposição nas aulas práticas estimulando a ocorrências de bullying, porém a maioria dos entrevistados não se sente exposto na aula, dos que se sentem, isso ocorre principalmente pelo conteúdo do esporte coletivo. Identificamos também que acontece uma segregação por gênero, meninas sofrem mais com outras meninas e meninos com outros meninos. Além de tudo isso, algo que nos preocupou bastante foi com relação aos resultados das possíveis vítimas sobre a quem eles recorrem ao sofrer maus tratos na aula, uma minoria diz recorrer à escola para ajudar a combater seus problemas, já com relação aos agressores, estes afirmam que a escola é a principal interventora, fato extremamente

preocupante já que mostra que a escola pode de alguma maneira ser referência em repreensões aos agressores, porém não consegue de alguma maneira demonstrar apoio e segurança para suas vítimas.

No eixo Sobre os maus tratos que você viu na aula, destacamos que ao perguntar como eles se sentem ao presenciar um colega agredido a maioria se sente mal, triste, com pena, todavia quando questionamos sobre qual a reação destes mesmos alunos no momento dos maus tratos, o número de alunos que afirma nunca ter presenciado tal situação aumenta consideravelmente, demonstrando que em algum momento os alunos não estão sendo fiéis as suas respostas a pesquisa, ou então se recusam a se posicionar como expectadores que não fazem nada nestas situações.

O último eixo tenta enxergar possíveis agressores entre os entrevistados, a maioria se posiciona como aluno que nunca maltratou outro colega, porém o que mais nos intriga é que alguns alunos não somente confirmam quanto dão ideias do que já fizeram, desde implicâncias com os colegas, xingamentos, gozações e atos de não deixar o colega jogar e ameaças durante a aula. Já neste caso, como já dissemos, pela visão dos possíveis agressores os amigos e a escola são apontados como as instituições que mais tentam de todas

as formas conversar com eles sobre suas atitudes.

Para este grupo pesquisado, a Educação Física não se apresenta como local de importância para a ocorrência de casos de maus tratos se comparada com toda a escola, porém ela possui algumas significâncias neste processo, a partir do momento em que alguns alunos ainda relatam se sentirem excluídos e expostos durante a aula e que ainda sofrem por serem menos habilidosos durante as atividades. Uma política de combate ao Bullying se faz necessária nesta escola, porém com um enfoque bem generalizado, englobando todos os setores do ambiente escolar e todos os participantes do mesmo. Para o professor responsável pela Educação Física, reforçamos novamente a indicação de Santos (2010, p. 11) de que o trabalho com jogos diferenciados e cooperativos poderão de alguma forma amenizar a exposição que alguns alunos estão sentindo dentro deste contexto da aula.

Reconhecendo as limitações deste estudo, incitamos os estudiosos e pesquisadores da área da Educação Física para aprofundarmos ainda mais nossos estudos com o Bullying, visualizando posteriormente a criação de medidas cada dia mais eficazes para lutarmos contra este mal.

REFERÊNCIAS

1. Calhau LB. Bullying: o que você precisa saber. 2º ed. Niteroi, RJ: Impetus; 2010.
2. Botelho RG, Souza JMC. Bullying Educação Física na Escola: Características, Casos, Conseqüências e estratégias de Intervenção. Rev Educ Física. Nº139. Dezembro de 2007.
3. Santos MPO. Fenômeno bullying na Educação Física Escolar: um estudo de caso no Distrito Federal. Revista Digital – Buenos Aires - Año 15 - Nº 143 - Abril de 2010.
4. Chalita G. Pedagogia da Amizade – Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo, Gente. 2008, p. 14.
5. Veja Online. Homem invade escola e abre fogo contra alunos. 07/04/2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/rio-homem-invade-escola-e-abre-fogo-contra-alunos>. Acesso em: 16/08/2011 – 20h39min.
6. Fante C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas. Verus, 2005.
7. Beaudoin M-N, Taylor M. Bullying e Desrespeito como acabar com esta cultura na escola. Porto Alegre: Artmed; 2006.
8. Oliveira FF, Votre SJ. Bullying nas aulas de educação física. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.